

MORTE

Foi no almôço oferecido pelo ministro Cleofas à imprensa, no Jardim Botânico. Há muito tempo eu não via tantos jornalistas juntos: a maioria da melhor gente de nossa imprensa estava ali, gente de jornais grandes e pequenos de tôdas as tendências. Revi colegas que não encontrava há muitos anos, antigos companheiros dos mais diversos patentes de jornal — e confesso que isso me comoveu, me sentir no meio desta nossa rauna tão desunida e inquieta, como um marinheiro já encanecido que reencontra colegas de antigas equipagens, relembra passadas navegações, evoca o nome de barcos já perdidos no fundo do mar. Foi ao lado de um desses velhos amigos que me sentei, e a conversa em torno ia alegre e trivial quando alguém pronunciou o nome de um colega que se acabou há pouco tempo, obscuramente, de uma doença longa e ruim. Meu amigo fez-se grave, ficou um instante calado e depois disse, como se acabasse de fazer uma descoberta — que esta nossa vida é uma coisa precária, que não vale nada. E durante alguns instantes nós deixamos pensar nesta coisa terrivelmente simples, a morte; tivemos o sentimento e a consciência de que nós dois e nós todos que estávamos ali, na bela manhã de sol, éramos apenas, condenados à morte; cada um se acabará por sua vez, de repente, num estouro, ou devagar, aniquilado pela humilhação lenta da doença.

Não há pessoa tão distraída que não tenha vivido êsses instantes de consciência da morte, êsses momentos em que a gente sente que ela não é apenas uma certeza futura, é alguma coisa já presente em nós, que faz parte de nosso próprio ser. Há uma força dentro de nós que instintivamente repele essa idéia; a experiência de cada um diz que a morte é uma coisa que acontece... aos outros. Mesmo quem — é o meu caso — já teve alguns instantes na vida em que se viu em face da morte, e a julgou inevitável, e já teve outros instantes em que a desejou como um descanso e uma libertação — não incorpora essa experiência ao seu sentimento da vida. Deixa-a de lado, esquece-a, todo voltado para a vida, fascinado pelo seu jôgo, pelo seu prazer, até pela sua tristeza. Tudo o que em um momento realmente grave nos pareceu sem qualquer importância, tôdas essas jóias falsas com que enfeitamos nós mesmos a nossa vida, tudo volta a brilhar com um fascínio tirânico. Inútil "realizar" a morte, para usar êsse útil barbarismo dos maus tradutores de inglês. A realidade vulgar da vida logo nos empolga, a morte fica sendo alguma coisa vaga, distante, alguma coisa em que, no fundo de nosso coração, não acreditamos.

Reproduzido em 63 m 64

RIV

Dessa pequena conversa triste em que dissemos as coisas mais desperadoramente banais, saímos, os dois, com uma espécie de amor raioso à vida, ciúme e pressa da vida. Volto para casa. Estou cansado e tenho motivo para estar triste. Mas me distraio olhando o passarinho que trouxe da roça. Não é bonito e canta pouco, esse bichudo que ainda não fez a segunda muda. Mas o que é fascinante nêle, o que me prende a êle, é sua vida, sua vitalidade inquieta, ágil, infatigável, seu apetite, seu susto, a reação instantânea com que abre o bico, zangado, agressivo, quando o ameaço com a mão. Ele agora está tomando banho e se sacode todo, salta, muda de poleiro, agita as penas — e me vigia, inquieto, de lado, com um olho escuro e vivo.

Mudo-lhe a água do bebedouro, joga-lhe pedrinhas de calcita que descobri que êle gosta de trincar. E me sinto bem com essa presença viva que não me compreende, mas que sente em mim um outro bicho, amigo ou inimigo, uma outra vida. Ele não sabe da morte, não a espera nem a teme — e a desmente em cada vibração de seu pequeno ser ávido e inquieto. Meu bichudo é um nobre companheiro e irmão e na verdade muito me ajuda.

3/7/54 R. B.